

Fanzine
nº3



**PARA A FRENTE,
CORAÇÃO
QUE SAÍAM A
RUA CANTOES
DE ESPERANÇA**

Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX)
– Biblioteca de Alcântara

PARA A FRENTE, CORACÃO (QUE SAIAM À RUA) CANÇÕES DE ESPERANÇA¹

No dia 5 de Outubro de 2023, a Biblioteca de Alcântara comemora três anos de existência.

Três anos de uma construção coletiva e participada entre a equipa da rede BLX, a equipa no terreno e os muitos parceiros, amigos e habitantes desta casa comum.

Três anos em que soubemos sempre que navegar é preciso, que é preciso pensar, dialogar, dar voz, que é preciso ousar caminhos novos, construir pontes, desafiar as margens, não temer errar...

Em 2023 assinalam-se os 100 anos do nascimento do artista plástico José Dias Coelho, assassinado em 1961 pela PIDE, na rua que hoje tem o seu nome e onde mora a Biblioteca de Alcântara. O percurso da sua vida de luta e resistência ao fascismo, que ditou a sua morte aos 38 anos, foi também inspiração para o Programa Funcional desta biblioteca, como espaço de construção permanente da democracia, na condição de não apagar da memória todos os que por ela lutaram e lutam.

Em vésperas dos 50 anos do 25 de Abril, e num tempo que reclama, urgentemente, a paz e caminhos que possam semear a esperança numa sociedade mais fraterna, mais justa, mais igualitária, é tempo de dizermos, dentro e fora da biblioteca:

Para a frente, coração (que saiam à rua) canções de esperança²

Inspirados nas palavras de José Dias Coelho e na canção de José Afonso - que

nos conta como *A morte saiu à rua* naquela noite de Dezembro de 1961 -, este é o mote que escolhemos para terminar o ano de 2023 e entrar em 2024 com uma canção de esperança.

Porque importa persistir no alento e na alegria, na luta e na resistência sempre necessárias para continuarmos os 3 D do 25 de Abril: da democracia, do desenvolvimento e da descolonização da história. Não são coisas do passado. São, sobretudo, futuro.

A recente inauguração da Sala República e Resistência na Biblioteca de Alcântara abre mais uma janela nesta casa da cidadania e reforça, de forma incontornável, a vocação da biblioteca como lugar de aprendizagem e construção da democracia, ao disponibilizar uma coleção especializada, acessível a todos e guiões de leitura temáticos, a par com uma programação que se propõe pensar, inquietar, compreender, imaginar, transformar, agir.

Sonhamos e agimos juntos para que as bibliotecas sejam lugares de esperança.

Para a frente, coração

Ama como a estrada começa²

1. Este mote é o título da Fanzine nº 3 da Biblioteca de Alcântara e teve como inspiração o poema CANÇÃO LIVRE de José Dias Coelho:

Vai para a frente meu coração

A razão contigo vence

O sol nasce para te indicar o caminho

Já não há dúvidas no querer

Na fábrica o aço é para a paz

Para a criança os frutos nascem

Colhidos pelas mãos dos poetas

No ar corre o som das canções vencedoras

Para uma vida nova construída pelo homem.

Vem comigo lembrar à ave que já não há perigo

No cantar canções livres

À flor que o beijar do vento se tornou natural

Vem,

Vem comigo soprar os moinhos

Das crianças descalças

E depois correr, correr pelos montes,

Teu cabelo desfeito

E lá em baixo, na planície

A cidade nova escreve no céu

Canções de Esperança.

José Dias Coelho

2. Em 2023 assinalam-se também os 100 anos do nascimento do poeta e pintor Mário Cesariny. A nossa homenagem.

A Biblioteca de Alcântara em números de agosto de 2022 e junho de 2023

Atividades

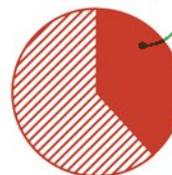
885

Participantes

18.959

Novos leitores

685

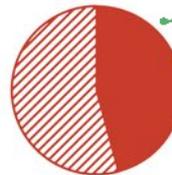


Total

1.793

Empréstimos

20.327



Total

44.250

Total
de documentos

18.504

Residências
artísticas

10

Ficha técnica:



OUT 2023

Design: Luís Gregório

Impressão: Desisto

Tiragem: 500 exemplares

Edição: Câmara Municipal de Lisboa

Pelouro da Cultura

Direção Municipal de Cultura

Divisão da Rede de Bibliotecas

Depósito legal: 505098/22



Aprendizagens



leitura 3

Diversidade cultural



LUGAR DE ENCONTRO

A Biblioteca de Alcântara está situada na parte ocidental da cidade de Lisboa, onde o rio define a sua margem. O Tejo, nome que as crianças de Alcântara rapidamente aprendem, transporta nas suas águas pessoas de diferentes margens, ao mesmo tempo que acompanha as linhas férreas, que cruzam terra e mar e nelas trazem milhares de pessoas que por aqui passam ou decidem ficar.

Nestes cruzamentos onde os encontros se dão, habita a Biblioteca de Alcântara, que reserva no seu interior um espaço luminoso para crianças, jovens e suas famílias estarem. Há 3 anos vai-se construindo este espaço que é feito de camadas de vontades, inquietações, saberes, experiências, surpresas e descobertas que por quem nos visita traz e faz.

Como um ninho construído a cada vôo, também aqui, cada pessoa que nos visita contribui com algo para a sua configuração e coleção.

Diferentes vozes, idiomas, cores, idades e formas de estar tornam este “ninho” em algo plural ao mesmo tempo que o fazem único e singular.

Neste sítio de cruzamentos, famílias de diferentes países dão corpo aos livros que nos falam desses lugares, França, Alemanha, Polónia, Brasil, Nepal, Bangladesh, Suécia, Estados Unidos da América são apenas alguns dos sítios que nos “vêm visitar”.

Nesta viagem intercontinental, no olhar da criança reflete-se apenas a imagem da outra criança e não do seu lugar. Se estranham e tropeçam nas palavras, o que os aproxima fala mais alto e depressa começam a brincar.

Esta diversidade leva-nos também a aumentar a coleção de livros e histórias escritas em língua estrangeira para nesta linguagem podermos caminhar.





Considerando a multiplicidade de histórias, pessoas e fazeres deste espaço, também este se constitui como um lugar para quem está a Aprender a Fazer e aqui encontra um lugar para observar, conhecer, experimentar e aprender, em espaço seguro e orientado, para mais tarde replicar e/ou reinventar o que aqui viu e aprendeu.

Descoberta do livro



Neste viajar, esta casa de livros passa a ser referência e lugar de muitos que, com visitas diárias e regulares, criam e fortalecem relações, fazendo deste lugar um verdadeiro espaço de habitar. Descobrir o livro, ler, jogar, conversar, pensar e estudar são algumas das formas que encontram para aqui estar.

Também as escolas encontram neste espaço uma outra forma de aprender e dialogar. Do pré-escolar ao 3º ciclo são muitos os que vivem conosco a incrível aventura de ler o mundo. O livro define a rota e as mediadoras orientam a forma de lá chegar. O livro jogo, o livro objeto, o livro biográfico, o livro perguntador, o livro informador, o livro resistente, o livro encenador, o livro que nos ajuda a arrancar e o qual escolhemos homenagear.

25 de Abril na 1ª pessoa

A Liberdade está a passar por aqui Que os Cravos Vermelhos não marchem

No dia 19 de Dezembro de 1961, José Dias Coelho foi assassinado pela PIDE na rua que hoje tem o seu nome, e é nessa rua que fica esta dinâmica Biblioteca dedicada à cultura e à valorização do partilhar encontros sobre Liberdade, Democracia, Ditadura, Mulheres...

“A morte saiu à rua num dia assim”

Zeca Afonso deu vida a mais um morto pela PIDE. O poema é uma homenagem a José Dias Coelho e a todas as pessoas que abriram caminho para a “Liberdade passar por aqui” dando o corpo às balas e à prisão.

“A Vida saiu à rua num dia assim,”

com Cravos Vermelhos e o Povo a apoiar, com alegria, os Militares de Abril.

Foi para homenagear a Revolução dos Cravos que estive na Biblioteca de Alcântara, para conversar com

crianças sobre o antes e o depois do 25 de Abril de 1974 com base no livro *A Escola e os Cravos*.

A partilha de conhecimentos, com crianças que não sabiam como era a vida em casa, na rua e na Escola antes do 25 de Abril, em ditadura, e depois em Democracia, foi vivida com espanto, sensibilidade e curiosidade.

Nas escolas, hoje, há meninos e meninas de muitas etnias diferentes que brincam, estudam, convivem, vêem semelhanças e diferenças entre eles. Ficaram a “conhecer” que em ditadura não se podia criticar o governo, não se podia ir para a escola sem bata, que havia uma Polícia para prender quem criticava o governo, a guerra, que não havia comida na escola e que muitas crianças passavam fome. Ficaram a saber que na Escola havia livro único de leitura, de história... para todo o país, para que todos pensassem da mesma maneira, como era isso possível? Questionaram eles.

Como era possível haver escolas só para rapazes e escolas só para raparigas?

A Liberdade está a passar por aqui...

LUÍSA LOBÃO

“Despertar” É hora de a vida sair às ruas

Foi durante um dos nossos ensaios na Biblioteca de Alcântara que nós enquanto PYRA questionamos, “se a arte é uma maneira de fazer política, que tipo de política poderá ser criada através de uma residência artística numa Biblioteca que tem como conceito ser a casa da cidadania?”

Assim surgiu, o Programa de Residência Artística Ibero-americano Despertar. Durante o mês de novembro de 2023 a Biblioteca de Alcântara será o espaço de acolhimento, pesquisa e criação artística da artista uruguaiana Paula Rodhe selecionada por uma convocatória aberta a todos os 16 países integrantes do Programa IBERESCENA.

A artista irá pesquisar, criar e interagir com o espaço em que está inserida com o objetivo de suprir a ausência das ações que permeiam a arte em conjunto com outras linguagens de expressão cultural, através das memórias e acontecimentos importantes da Biblioteca e da comunidade, despertando todos nós para a importância do pertencimento da nossa identidade como imagem pessoal e social que possuímos, como indivíduos e como integrantes de grupos dentro de um contexto cultural e social.

Um dos acontecimentos marcantes que será pesquisado e trabalhado para a construção desse despertar da memória viva da Biblioteca será a música de Zeca Afonso “A morte saiu à rua”, escrita em homenagem artista plástico e militante antifascista José Dias Coelho, assassinado em 1961 pela PIDE na rua que hoje leva o seu nome.

A Biblioteca de Alcântara caminha por memórias, territórios, engendrando vidas, compartilhando geografias e produzindo energias, a nossa parceria e o Despertar são uma reunião de encontros e troca de experiências, como bem cita o filósofo Spinoza “essa troca será realizada na nossa potência máxima de agir uns sobre os outros” gerando sinergias e compondo com a comunidade através da arte, cumplicidade, sintonia e muito afeto nesse lugar, logo ali ao dobrar a esquina entre as ruas José Dias Coelho e a Calçada da Tapada que podemos chamar de casa.

ANA SILVA/BEATRIZ SILVA

MARIA GIULIA PINHEIRO
PRIMAVERA, 2023



Uma democracia tem data de estreia? Para onde vai o pensamento desumanizador quando uma democracia nasce? A democracia conserva em si algo de fascismo? O fascismo pode ter cara de democracia? O que existe entre uma ditadura fascista, a transição e a democracia liberal? Nós somos capazes de ouvir e articular com o diferente, com o outro, com igualdade, nesta democracia como é?

Ao entrar em seu oitavo setênio, esperamos que a democracia portuguesa comece uma fase de sabedoria, que cultive o seu desenvolvimento e a preservação de si. E que tenha a capacidade de fazer as perguntas difíceis que, sem elas, não há transformação profunda. Essa capacidade é um ato coletivo, de coragem, que exige dar a mão e caminhar no escuro, onde dói, é novo, contraditório e desconfortável. Enfrentar o monstro fascista no macro e no micro é uma resistência constante e se (des)estrutura nos 3 D do 25 de Abril: Democracia, Decolonização e Desenvolvimento. Perceber a conexão entre Portugal histórico, Portugal internacional, Portugal interno e Portugal cotidiano: enfrentar as contradições, as dúvidas, o que existe de violento e bonito em nós e nos outros. Escuta e ternura radicais, entretanto, para que possamos dar a mão nesse processo. Porque somos humanos e sentimos dor. Reconhecer isso é o começo de qualquer processo verdadeiramente democrático – e, portanto, empático.

Vivo em Lisboa desde 2019, mas sinto que vivo Lisboa só há muito pouco tempo: sempre encontrando mais caminhos, contradições, perspectivas e camadas. Em 2023, comecei minha residência artística nesse espaço que abre a oportunidade de enfrentemos coletivamente as nossas dúvidas, que se responsabiliza pelo encontro. São noites e noites a ensaiar projetos diversos, com pessoas diversas, tardes de sábados a fazer oficinas de palavra com idades múltiplas, que vão de 8 a 12, 12 a 17, 17 a 23, 23 a 60, 60+ e noites a abrir o palco para a palavra e a escuta no Todo Mundo Slam.

Um *poetry slam* que nasceu em 2019 com um propósito declaradamente decolonial, múltiplo, acolhedor e político de troca. Nosso lema é: ternura, diversão e escuta radicais. Livre. Todo primeiro sábado do mês, aqui estamos nós, com palco e espaço aberto para o encontro. Pelo nosso palco aqui na Biblioteca de Alcântara já passaram 46 poetas, só entre janeiro e maio. Poetas que se unem para fazer perguntas difíceis. E escutar.

Cada artista tem a missão de fazer perguntas difíceis e o processo de escuta também não é fácil, mas essencial. Ao entrar em seu oitavo setênio, a democracia portuguesa tem a missão de articular o que Portugal foi, é, e quer ser. Só haverá paz para um, se for para todos. Afinal, “Isto que é de uns/Também é de outros/Não é mais nem menos”. E a vida plena só existe de mãos dadas entre os diferentes.

“Esta biblioteca não vai ser um simples depósito de livros.”



MARGARIDA TENGARRINHA SOBRE A VIDA NA CLANDESTINIDADE (ENTREVISTA NA BIBLIOTECA DE ALCANTARA, 2019)

José Dias Coelho tinha 38 anos quando foi assassinado, ali na rua José Dias Coelho. Foi assassinado a tiro pela PIDE. E foi assassinado, essencialmente, porque era comunista.

Foi assassinado no dia 19 de dezembro 1961. No mês anterior tinha acontecido uma pseudo eleição, falsificada é claro, mas eleição para as legislativas e o José Dias Coelho, que era responsável do setor intelectual, tinha andado a contactar pessoas para fazerem parte das listas da oposição.

Todas as eleições eram farsas. E contra a farsa eleitoral levantaram-se manifestações. Houve grandes manifestações no país, e uma dessas enormes manifestações decorreu em Almada, em que foi assassinado, pela GNR, um

camarada jovem operário, Cândido Martins. Nessa altura, eu trabalhava na redação do Avante, e pedi-lhe fazer uma gravura sobre o assassinato do Cândido Martins e ele decidiu pôr debaixo da gravura a seguinte frase: “De todas as sementes confiadas à terra é o sangue derramado pelos mártires que faz levantar as mais copiosas searas”. E estas palavras são as palavras que estão escritas na lápide, no sítio onde ele próprio, José, foi assassinado, um mês depois de ter escrito esta frase.

Reparem, estávamos em 1961. Nesse princípio de ano, o Galvão tinha tomado conta do paquete Santa Maria e esse paquete foi, de facto, uma espécie de cartaz ambulante no oceano contra o fascismo. Mas também no início desse mesmo ano tinha começado a guerra em Angola. Depois, temos ainda de ter em conta que houve, nesse mesmo ano, a 4 de dezembro de 1961, uma fuga bastante audaciosa e assim estranha e para o fascismo, terrível, que foi a fuga de vários presos políticos, da prisão de Caxias, num carro blindado que o Hitler tinha dado a Salazar.

A vida na clandestinidade, pelo menos, teve essa grande vantagem para mim. Por um lado, foi criar mais consciência política, por outro lado, foi trabalhar ao lado do meu companheiro, a fazer falsificações para facilitar a vida dos camaradas que andavam na rua, e podiam ser identificados pela PIDE, trabalho que fazíamos em conjunto. Portanto, foram uns anos muito felizes. Quando me dizem que a vida na clandestinidade foi dura, eu acho que foi. Mas para mim dá-me esta grande alegria: vivemos juntos, trabalhámos juntos, e isso não posso esquecer.



7

SALA REPÚBLICA E RESISTÊNCIA

UM LUGAR DE MEMÓRIA COM SEMENTES DE FUTURO

A Biblioteca-Museu República e Resistência, fundada em 1993, foi um importante centro documental da história política contemporânea portuguesa com uma extensa coleção de monografias, publicações periódicas e material de arquivo. Esta biblioteca-museu albergava a quase totalidade da Coleção Dulce Ferrão (mulher do historiador e jornalista Carlos Ferrão) e ainda outras obras e documentos relacionados com a República e a resistência à ditadura fascista.

A Sala República e Resistência acolhe parte da Coleção República e Resistência, ficando assim toda a coleção acessível ao público, mediante empréstimo ou consulta local. E porque importa preservar a memória para compreender o presente e perspetivar o futuro, a Sala República e Resistência vai promover o conhecimento e o estudo sobre a República e o republicanismo e sobre a resistência

ao regime do Estado Novo, em estreita articulação com o Museu do Aljube, com a Academia e Centros de Investigação, apostando numa programação temática, com o intuito de valorizar este fundo bibliográfico singular e de o tornar uma referência cultural na cidade e no país. A coleção continuará a crescer, procurando dar conta da atualização da investigação recente e dos novos horizontes de leitura(s) que proporcionam.

Com a inauguração da Sala República e Resistência, a Biblioteca de Alcântara reforça e consolida a sua vocação de Casa da Cidadania, num território da cidade profundamente ligado às lutas e aos ideais republicanos e à resistência antifascista.

A EQUIPA DA BIBLIOTECA DE ALCÂNTARA

PROBLEMA SOLUÇÃO CATARSE

No contexto da parceria estabelecida em 2023 com a Biblioteca de Alcântara, o Departamento de Ilustração e Banda Desenhada do Ar.Co-Centro de Arte e Comunicação Visual apresentou neste espaço, entre 20 de março e 6 de Abril, uma seleção de trabalhos escolares realizados no âmbito do Seminário Avançado em Ilustração, entre 2018 e 2020.

O Seminário Avançado em Ilustração apoia o desenvolvimento de projetos individuais, considerando os seus aspetos estéticos, conceptuais e técnicos. É orientado para a produção de um Álbum Ilustrado dirigido à infância.

O Programa conta com o acompanhamento de ilustradores e editores especializados na área da Ilustração dirigida à infância: Catarina Sobral, Ana Braga, Inês Machado, Tiago Guerreiro, André Letria (Pato Lógico) e Bernardo Carvalho (Planeta Tangerina).

Participaram nesta mostra: Ana Dias, Anna Bouza da Costa, Catarina Pires Silva, Daiena Dâmaso, Eduarda Lima, Inês Esteves, Joana Matos, Maria Giovanna Mura, Marina Gibert, Nádja Neves, Nani Brunini, Sara Baptista e Vera Machado.

As parcerias e iniciativas extra-muros são uma prioridade na atividade do Ar.Co, proporcionando aos alunos oportunidades de divulgação do seu trabalho e promovendo a captação de novos públicos para a escola. É com muito entusiasmo que encaramos esta parceria para os anos vindouros.

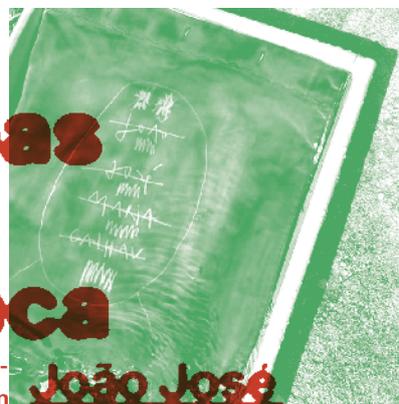
As pessoas fazem a Biblioteca

Quando conheci a Biblioteca de Alcântara, senti logo que havia nela um mistério a ser revelado com cuidado e sem pressa. Sonhei em fazer no jardim um ciclo de oficinas de imagem e impressão em Cianotipia, apresentando o meu livro-poema João José Maria Calhau como mote. Primeiramente, pela sua relação direta com o Sol, fonte de raios UV a partir da qual trabalhamos essa técnica fotosensível de 1852 que é a Cianotipia. E em segundo lugar, pela possibilidade poética e manual que inspiraria o resultado final destas oficinas, culminando num livro de artista conjunto do jardim da Biblioteca de Alcântara. Vai acontecer. Está a acontecer.

RUI DIAS MONTEIRO
ARTISTA VISUAL INTERPRETE E POETA



Ar.Co



Impressão em Cianotipia

João José Maria Calhau

É um conto sobre o João José Maria Calhau cujo corpo era uma montanha e a cabeça o mais normal que se possa imaginar num menino humano

Gostava de contar histórias e não tinha a quem

mas contava na mesma os pássaros e as abelhas levavam as suas palavras pelo vento

E há um segredo o João José Maria Calhau é quem faz com que as crianças tenham sonhos que são as histórias do João José Maria Calhau

misturadas com o dia a dia de cada criança A mãe do João José Maria Calhau era uma montanha majestosa um vulcão com erupções de lava tão especiais como um fósforo a arder mas em gigante

Há muito tempo a sua mãe foi chamada a ir trabalhar para o Sol onde há milhares de vulcões para enviar raios de luz para a Terra

O João José Maria Calhau tinha saudades dela enquanto continuava a enviar as suas histórias para os sonhos das crianças Um dia apareceu um pássaro diferente chamava-se Cantarara e cantava de uma maneira maravilhosa

O João José Maria Calhau quis que ela levasse uma história especial num sonho em que a sua cabeça voa até às nuvens e quando atravessa a primeira nuvem transforma-se em pedra e solta-se a alta velocidade para adormecer no Espaço



Problema - Solução - Catarse - Imagem: Marina Gilbert

ENTRE OLHARES, ENCONTROS (IN)COMUNS

A exposição ENTRE OLHARES, ENCONTROS (IN)COMUNS foi fruto de um desafio lançado pelo CAM – Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) e pela Biblioteca de Alcântara a um grupo de pessoas, residentes na vizinhança da biblioteca, muito diferentes em idades, vidas e experiências e com objetivos comuns: o gosto pela arte e a vontade de sair do papel de espectador e de ocupar o lugar de curador.

Ao longo de seis meses de trabalho, o grupo mergulhou na coleção de obras do CAM e da Biblioteca de Arte da FCG. Constituiu-se como comunidade, espaço de trocas e partilhas, simultaneamente ponto de chegada e partida para o diálogo e o afeto, para o debate e o questionamento, fazendo das obras de arte e da aprendizagem conjunta um espaço de encontro em permanente mudança. Talvez por isso o “encontro” se tenha tornado simultaneamente espaço e tema de trabalho.

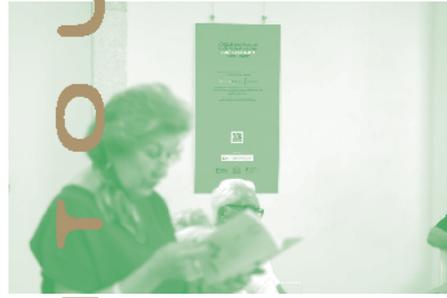
A exposição, patente de 20 janeiro a 31 de março de 2023, reuniu 17 obras da coleção do CAM e 14 livros de artista e foi o resultado desses encontros. Procurou ser o mapa possível de muitos olhares e múltiplas vozes. Um ponto de encontro para o grupo, para as obras e para os visitantes.

CURADORES

ADRIANA DE CARVALHO. ALINE MORAES.
ANA PAULA PONICHI. BRENDA SEGURA. CARLOTA MELO.
CONSTANZA SOLÓSZANO. DIEGO ALVES. EDUARDO SERRA.
FÁTIMA DURÃO. JOSE BRITO. MAFALDA DE CASTRO.
MARIANA MARQUES. CALDEIRA MARIA. ISaura ALMEIDA.
NICCOLÒ GALLIANO. RAQUEL MOREIRA. SOFIA ALVES.
TINNO FILHO

COORDENAÇÃO DO PROJETO

SUSANA GONÉS DA SILVA. SUSANA ANÁGUA



9

S
A
R
A
M
A
G
O
S
J
U
N
J
O

Tudo começou com a falta de locais para ensaiar. E a Biblioteca de Alcântara cedeu sala e simpatia. Depois foi o Alex Cassal, que nos conhecia do seu folhetim radiofónico (que nós gravámos), a chamar o João Silvestre para o Festival 5 L. E daí surgiu o convite: queria a Companhia Maior apoiar a Biblioteca de Alcântara no encerramento da Exposição que comemora o centenário do nascimento de José Saramago?

No mesmo dia enviado um mail, no dia seguinte as adesões entusiásticas dos que tinham disponibilidade.

Cada um, seu livro. E, em cada livro, as escolhas das partes mais interessantes – difícil, muito difícil esta tarefa. Mails, telefonemas, fotocópias para cá e para lá, pedidos de autorização gentilmente concedidos, fotos lindas, roupas para encarnar uma AVÓ – complicada a escolha do avental mais verdadeiro – ensaios, e pronto.

Junto de uma pequena oliveira, que irá crescer no jardim, para que a possamos abraçar; com entusiasmo, partilha, mimos e muita capacidade de trabalho bom, alguns dos atores da Companhia Maior fizeram, dia 30 de Junho e 1 de Julho, numa das lindas salas da Biblioteca de Alcântara leituras extraídas de “Ensaio sobre a Cegueira”, “Jangada de Pedra”, Memorial do Convento”, “Caim”, “Claraboia” “O ano da morte de Ricardo Reis”, “Levantados do chão” e a leitura integral da carta escrita por Saramago à sua AVÓ Josefa.

A exposição contou com a apresentação de cartas enviadas por Saramago a uma leitora de 18 anos, com poemas seus musicados para o espetáculo “A viagem do elefante” e com a descoberta de poemas não editados em livro de Jorge de Sena.

Valeu a pena! Obrigada a todos

PAULA BÁRCIA. DA COMPANHIA MAIOR

BATE, BATE CORAÇÃO PELA LÍNGUA PORTUGUESA

Breve história de uma rua de um sentido, caminhada de mãos dadas

Foi assim que nos bateu o coração:

As palavras e as canções – e as palavras das canções – foram, tantas vezes, (são tantas vezes!) o único lugar onde pode habitar um desejo de liberdade. A Biblioteca de Alcântara é, desde o seu primeiro dia, a nossa casa: a casa é esse lugar onde habitam a vontade, o desejo de futuro, a esperança, a resistência e a coragem.

A Biblioteca de Alcântara é o lugar onde resistimos juntos. Onde insistimos juntos numa ideia de cidade – plural, inclusiva, democrática. Onde queremos sempre que a palavra se torne voz e seja o momento de encontro com Outro, que se aloje no peito – não como uma bala mas como um cravo a florescer liberdade.

Florescer, essa palavra que faz nascer o sonho e o faz verdade: Foi assim, nesta casa com vista para o jardim, que nasceu o Sub-Coro. Ao sábado de manhã, um grupo de crianças, orientadas pelo Pedro Branco, pegam nas palavras, aquelas que as inquietam ou aquelas com que simplesmente acordaram na cabeça, dão-lhes voz e ritmo, transformando-as em canções, que nos ficam nos ouvidos e alimentam a vontade de crescermos juntos.

Florescer: Trouxemos as vozes das mulheres do Alentejo, tantas vezes abafadas pelo calor e pelas ervas-daninhas, ouvimo-las como Flores de Abril, levantámos os cravos vermelhos enquanto nos olhos transbordava a água que corre em todas as fontes.

Florescer: A poesia dita, embalada pelo violino e pela flauta, deambula pelas salas e corredores, adentrando a pele, aninhando-se por entre os livros alinhados nas prateleiras. Foram assim as *Poemar*, as sessões de poesia em voz alta.

E foi por conhecermos o poder de dizer em Voz Alta que iniciámos em Julho a Voz Alta – um ciclo de encontros mensais com leitores que não só leem em voz alta como recebem formação em técnica vocal.

Florescer: reunimos grupos de amigos – em equipas em disputa feliz – para testar conhecimentos literários. Mensalmente acontece o Quis Literário. Noites de literatura e risos, muitos, descobertas e livros de presente!

Florescer: habitar esta Biblioteca significa sermos voz e corpo, implica alimentar o sonho por que tantos lutaram. Significa resistir. E, também assim, o pintor não morreu.



HELDER MAGALHÃES E CATARINA AIDÓS
CUSCA - CULTURA E COMUNICAÇÃO



(escreve de acordo com a antiga ortografia, apesar de as aulas serem dadas com a nova ortografia)

EMA MENDES

10

A TEMPERATURA DE COMBUSTÃO DO PAPEL

ALEX CASSAL

Um dos episódios mais famosos de *The Twilight Zone* conta a história de Henry Bemis, caixa de banco e ávido bibliófilo, que sente nunca ter tempo suficiente para ler tudo que deseja. Até que uma guerra nuclear devasta o planeta, matando a todos - com exceção de Bemis, que passava seu intervalo de almoço no cofre subterrâneo do banco, imerso na leitura. Agora ele é o último sobrevivente de um mundo arrasado. Mas no momento mesmo em que considera encerrar a própria vida, Bemis depara-se com as ruínas de uma biblioteca pública. E no seu interior, pilhas e pilhas de livros ainda intactos; livros suficientes para uma vida e tempo para os ler sem interrupção. Um sorridente Bemis inclina-se para pegar no primeiro livro, mas tropeça, e os seus óculos grossos como fundos de garrafa estilhaçam-se no chão. Praticamente cego, Bemis chora desconsoladamente, rodeado pelos livros que nunca será capaz de ler.

Tendo eu mesmo 10 graus de miopia em cada olho, consigo me identificar com o desespero de Bemis. E também com o seu amor por livros e bibliotecas. Cresci no interior de uma biblioteca pública, onde eu passava meus dias explorando sistematicamente suas prateleiras, estante por estante, autor por autor. Foi talvez o primeiro lugar em que me senti a entrar nesta zona crepuscular, “uma dimensão tão vasta quanto o espaço sideral e tão desprovida de tempo quanto o infinito”. Um destes nexos de imaginação e partilha, que mais tarde eu encontraria também nas salas de teatro: um lugar que abrigava futuros possíveis. Por mais despretensiosa que seja, uma biblioteca é sempre a porta de entrada para uma miríade de universos paralelos.

Há bibliotecas em vilarejos e metrópoles, em prisões e em hospitais, em favelas e castelos, em navios de cruzeiro a atravessar os oceanos e em pequenos barcos a subir pelos afluentes do rio Mekong. Há uma biblioteca em órbita ao redor da Terra, na Estação Espacial Internacional, que inclui livros de Asimov, Darwin, Dostoiévski, Verne. Havia uma biblioteca no campo de refugiados que foi consumido pelo fogo em Moria, na ilha de Lesbos. Em Kiev, Lviv e Mariupol na Ucrânia há bibliotecas que continuam a receber leitores e emprestar livros em salas subterrâneas enquanto as bombas caem na superfície.

E há a Biblioteca do Fim do Mundo, uma experiência que congrega bibliotecas de diferentes tempos e lugares; é como se fosse uma biblioteca feita com pedaços de outras bibliotecas. É uma biblioteca que funciona apenas fora do expediente, com as luzes desligadas para não atrair demasiada atenção e con-

versas em voz baixa para não perturbar os que precisam de descansar. Aqui todos são leitores, bibliotecários e livros ao mesmo tempo. A Biblioteca do Fim do Mundo é como se fosse um local de encontros íntimos temporários. Uma manifestação cívica. Uma cerimónia para falar com os mortos. Uma reunião de adictos em substâncias tóxicas. Um museu com os artefactos esquecidos de um mundo em que toda a gente desapareceu. Ou apenas uma biblioteca com todos os livros que conseguimos salvar do incêndio antes de aqui chegar. Não necessariamente os melhores livros, os mais importantes, os memoráveis, os necessários. Mas os livros que por acaso acabaram em nossas mãos enquanto nos encaminhávamos para este lugar.

RASTILHO: UM ANO DEPOIS, COM O CORAÇÃO NAS MÃOS

No início deste ano, que marca um ano de parceria com a Biblioteca de Alcântara, o Rastilho criou o Coletivo de Teatro Comunitário da Biblioteca de Alcântara, em parceria com as Bibliotecas Municipais de Lisboa, a Associação Aldeias SOS e a ETIC. Desde então, cerca de uma centena de pessoas, entre os 22 e os 68 anos, junta-se semanalmente no elenco ou na produção, para trocar experiências e fazer Teatro.

Um ensaio é um exercício de liberdade, onde se aprende a errar, sem censura. Por isso, a equipa de monitores do Rastilho procura criar nestes encontros um ambiente informal, de cooperação e de entreaajuda, para que todos se sintam confortáveis e se expressem livremente.

Nas vésperas das Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, importa relembrar a luta e a resistência contra o fascismo, sempre necessárias para continuar a defender os valores de Abril. Assim, em 2023, o Rastilho centrou a sua atividade em projetos que refletem isso mesmo: *A Morte Saiu à Rua*, no âmbito do Centenário do Nascimento de José Dias Coelho, *Três Balas: Pão, Paz e Trabalho*, sobre a vida e morte de Catarina Eufémia e, através do Coletivo de Teatro Comunitário, os exercícios finais de palco a partir de *Henrique IV* de Luigi Pirandello e *Hotel da Bela Vista* de Ödön von Horváth, textos que abordam como tema central o poder abusivo sobre o outro.

Num mundo cada vez mais polarizado e marcado pela desumanização, importa impedir que se apague a memória daqueles que morreram a defender os valores da democracia. E é, sobretudo, urgente unir as nossas vozes e trazer para a rua canções de esperança! Para a frente, coração!

DAVID SILVA,
DIRETOR ARTÍSTICO DO RASTILHO

(A Biblioteca do Fim do Mundo ocupou a Biblioteca de Alcântara por alguns dias e noites inesquecíveis em Maio de 2023, no contexto do SL - Festival Internacional de Literatura e Língua Portuguesa.)



PROJETO CREATIVE COMMUNE REFLETIR E CRIAR EM COLETIVO

HUGO MIGUEL COELHO

Considerando a onda de movimentos populares que a Europa e a Região Mediterrânea têm vivido desde 2010 (podemos pensar na Primavera Árabe, nos Indignados, nos Coletes Amarelos, entre outros momentos), a ExQuorum, em parceria com outros parceiros internacionais (La Transplanisphere, Compagnie Dies Irae, Association pour l'histoire vivante, CT Cergy Paris Université - França; Teatro Rigodon - Itália; Sur Mesure - Alemanha) apostou num espaço de debate sobre a importância de reagir perante os ataques à democracia, sempre frágil - reflexão essa que se fizesse sentir através do gesto criativo.

O projeto Creative Commune, em Portugal, desenvolveu uma oficina intensiva em Abril de 2023 - em parceria com a Biblioteca de Alcântara e com Universidade Lusófona - na qual foi explorado o tema, tendo como base um processo de devising e investigação documental, com a finalidade de desenvolver uma oficina temática e uma curta-metragem. O assunto a explorar, proposto pela ExQuorum e com direção artística de Hugo Miguel Coelho, foi a revolução de 25 de Abril de 1974, assente num olhar sobre José Dias Coelho, artista plástico e escultor, que viveu na clandestinidade durante anos e que foi assassinado pela PIDE no dia 19 de dezembro de 1961, cujo acontecimento foi registado por Zeca Afonso em *"A morte saiu à rua num dia assim (...) E um rio de sangue dum peito aberto sai"*.

O projeto Creative Commune, com apoio do programa de cooperação artística Erasmus+, tem momentos de reflexão em França (Montreuil), Itália (Rieti) e Alemanha (Berlim) e Paris, na participação no Colóquio "Gestes, rythmes, et mouvements du commun", promovido pelo Laboratoire Héritage - UMR / CY Cergy Paris Université.

"A VIDA É MAIS TEMPO ALEGRE DO QUE TRISTE" NA BIBLIOTECA DE ALCÂNTARA

FESTIVAL DE POESIA DE LISBOA

Nos últimos anos, passamos por incontáveis momentos de dificuldade, dores e perdas, sejam a níveis mundiais ou pessoais. No VIII Festival de Poesia de Lisboa, o convite é fazer da palavra espelho, olhar o todo e versar compreendendo que a vida pode ser "mais tempo alegre do que triste". Corpos tristes não escrevem poesia, não se emocionam com poesia, não vivem com poesia.

O Festival de Poesia de Lisboa nasceu em 2016 com o objetivo de incentivar a leitura, fomentar a democratização da palavra e valorizar a poesia na língua portuguesa. Adélia Prado é a autora homenageada da oitava edição, que acontecerá de 13 a 17 de setembro, e carrega o tema "a vida é mais tempo alegre do que triste".

Em nossos encontros, aproveitamos para dialogar sobre o desenvolvimento coletivo, o direito à cultura e as subjetividades do nosso tempo com nomes como Telma Tvon, Gabriela do Amaral, Filipa Leal, Lubi Prates e Maílson Furtado. A programação é composta para pensar a alegria a partir do cotidiano, da simplicidade, dos detalhes, da ancestralidade e do mundo que queremos construir.

Serão cinco dias de encontros com Tertúlias, Mesas de Conversa, Lançamento de Livros, Oficinas e Espetáculos. Passaremos por Marvila, Graça, Príncipe Real e Alcântara. Você pode saber mais sobre a programação em nosso site festivaldepoesiadelisboa.com e [instagram.com/festivaldepoesiadelisboa](https://www.instagram.com/festivaldepoesiadelisboa).



ROGÉLIO MENA GOMES

"Viver o 25 de Abril com crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico foi oportunidade, única, proporcionada pelo convite que me foi dirigido pela Biblioteca de Alcântara.

Do que representou para mim tão rico convívio, é algo que não cabe em poucas palavras. Experiência inesquecível e enriquecedora. Conforto. Regresso emotivo à infância, ao tempo em que tinha a idade deles.

Um grupo atento, participativo, fantástico, que me ensinou a perceber que estamos sempre a aprender. E só por isso, merecedor do meu profundo bem-haja.